

NOVA ÁGUIA

Revista de Cultura para o Século XXI

Nº 10 — 2º SEMESTRE 2012

Direcção: Renato Epifanio, Celeste Natário e Miguel Real

Ensaio & Poesia
Temas & Autores

razão e espiritualidade

**LEONARDO
COIMBRA**

nos 100 anos d' *O Criacionismo*

homenagens

DALILA PEREIRA DA COSTA
MANUEL LARANJEIRA
JOÃO DE DEUS

Zéfiro


LEONARDO COIMBRA. DA FILOSOFIA E DO SEU ENSINO

Artur Manso

"A ciência é uma elaboração de percepção, procurando eliminar o sujeito e a espontaneidade criadora. A filosofia introduz o sujeito, o Universo inteiro em vez de sistemas isolados, as suas relações recíprocas, e a duração concreta. A arte permite eternizar por modelos sempre presentes e vivos todas as virtudes e entusiasmos."

LEONARDO COIMBRA

Neste ensaio é minha intenção percorrer os escritos de Leonardo Coimbra onde o filósofo da *Renascença Portuguesa* se pronunciou sobre o ensino da filosofia nas escolas portuguesas. Tentarei por aí claro a sua ideia de filosofia e a forma de a tornar ensinável num sistema de ensino oficial. Seguirei a apresentação cronológica dos textos sobre a temática da edição crítica das obras de Leonardo, ainda em curso, que o Centro de Estudos Portugueses da Universidade Católica – Porto, em boa hora iniciou e tem continuado com regularidade.

O interesse pelo ensino da filosofia é muito precoce em Leonardo, mesmo que primeiramente tenha feito a sua formação noutra área. Em 1913 ministrou um curso de História da Filosofia na Universidade Popular do Porto em quatro lições e em outras tantas aulas, na mesma Universidade, um curso de Filosofia. O esboço dos respectivos programas encontra-se no volume II das obras críticas¹, páginas 38 a 41. Da análise das matérias propostas para estudo, nota-se uma componente demasiado teórica e excessivamente extensa se tivermos em conta o público a que se destinava: gente trabalhadora, operários diversos, com escolarização rudimentar, que no fim de uma cansativa jornada de trabalho,

prescindiam do merecido descanso para aumentar os seus conhecimentos nos cursos que a Universidade Popular graciosamente ministrava.

Neste regime de educação não formal fica logo mostrado que Leonardo concebe um ensino da Filosofia a par da sua história. A abordagem histórica das matérias filosóficas impõe-se-lhe em relação a um tratamento sistemático das mesmas. Outra característica importante na consideração da filosofia e do seu ensino por parte do filósofo português é a preocupação de a assimilar em conjunto com as características do homem português. A universalidade da filosofia não pode ignorar as características espaço-temporais daqueles que a ela se dedicam e a tentam servir. Nas sábias palavras de Manuel Ferreira Patrício, para Leonardo "O ensino nacional derivava do ensino universitário e o ensino universitário derivava do ensino da filosofia". A confirmar esta observação, Leonardo, em 1917, no texto intitulado *A poesia e a filosofia moderna em Portugal*, tinha escrito: "A maior criação intelectual dos portugueses é a poesia" (cf. *Obras*, vol. III, p. 217), apresentando aqueles poetas que, em seu entender, eram os alicerces da filosofia portuguesa, poetas de pensar metafísico, pois, como continua a escrever "se é certo que o mais sincero e ingénuo documento da alma humana é a arte, a poesia portuguesa deve revelar-nos, em acção viva, o nosso pensamento metafísico" (ib.). A filosofia portuguesa que nesta fase parece confundir-se com a poesia metafísica que por cá se fazia, traria, no entender de Leonardo, várias vantagens à filosofia clássica e ao seu rigorismo: "A filosofia, sem imaginação, procura-se, perde-se em abstratos sistemas de lógica, sossega-se no burguesismo positivista, e, volvidos novos olhos sobre a poesia, retoma imaginação; sorri, medita e canta" (ib., p. 218).

Que poesia e que poetas portugueses têm para o nosso pensador um cunho filosófico nas suas

¹ *Obras Completas* (edição crítica. Coordenação científica: Ângelo Alves. Organização, fixação do texto, notas e índices: Afonso Rocha. Recolha dos dispersos: José Cardoso Marques). UCP-CRPorto/IN-CM.

obras, passíveis de ser estudados e meditados? Os maiores poetas/pensadores são, então, apontados: Antero de Quental, em cuja obra predomina a representação, António Nobre, cuja poesia está embrenhada de sensibilidade, Guerra Junqueiro, cujo pensamento a representação se embrenha num platonismo imanente e anuncia a unidade do Ser, João de Barros, guiado pelo determinismo. Mas o maior de todos, aquele cujo pensamento e poesia ganha um estatuto filosófico por excelência é Teixeira de Pascoaes, o poeta de *Marânus*, cuja contemplação apurada põe a claro um panteísmo pluralista (cf. *ib.*, pp. 218-219). Não há dúvida que os poetas eram os representantes da melhor filosofia portuguesa, já que Leonardo afirma perentoriamente: "A filosofia propriamente dita procura-se, é menos interessante por mais detalhada, como em Amorim Viana, nas críticas de Antero e na teologia de Sampaio Bruno" (*ib.*, p. 220). Seguindo esta linhagem de poetas/pensadores portugueses especulativos, também refere a sua obra, nomeadamente *O Criacionismo, O pensamento criacionista, A morte, A alegria, a dor e a graça*, colocando-a ao lado dos poetas que enumera, continuando a destacar na especulação filosófica o labor poético, em verso e em prosa, de Pascoaes, que em seu entender escreve prosa como quem escreve poesia, dizendo da sua especulação: "O seu anticuismo, o seu pluralismo social, o carácter do equilíbrio social, permanentemente reinventado pelos seres sociais, o poder *criador* do pensamento, a realidade metafísica das memórias, o princípio da conservação e evolução da memória, tudo isto é de molde a pressentir o seu parentesco espiritual com o pensamento poético português" (*ib.*). Em 1918 Leonardo escreve mais um texto sobre o ensino da Filosofia começando por nos dizer que "De todas as grandes sínteses sociais, a mais vivaz e persistente é a filosofia, pelo seu próprio carácter de permanente e procurado balanço, equilíbrio e unificação das crenças (hipóteses e realidades científicas) e desejos (actividade estética e moral) que são a vida das sociedades" (*Obras*, vol. III, p. 227). O filósofo português não contesta que haja outras disciplinas capazes de promover uma síntese do saber, mas nenhuma o faz de uma maneira tão completa quanto a filosofia, pois só esta percorre os vários estádios do conhecimento humano: o lógico, o gnosiológico, o antropológico, o ontológico. Isto é, só

a filosofia promove um conhecimento geral e unificado das relações entre os diversos conhecimentos e as grandes preocupações dos homens. Ao tempo em que Leonardo escreve, o campo de cada saber no ensino liceal ainda não se encontrava bem definido. Em Portugal já era grande a influência da nova organização dos conhecimentos resultantes da renovada mentalidade positivista, mas a definição efectiva dos saberes dela emergentes ainda não conhecia um elenco definitivo. O nosso filósofo estava atento ao progresso das ciências e pensava que a Filosofia só tinha a lucrar com a dispersão dos saberes, mostrando-se convicto de que "É na psicologia e sociologia que o ensino liceal da filosofia encontra matéria nova. O resto é conhecido" (*ib.*, p. 28). O pensador português entende que a perenidade do conhecimento filosófico é compatível com as novas ramificações do saber, mesmo que estas já tenham sido partes integrantes do corpo filosófico. As novas descobertas e especificações de cada ramo do conhecimento levou a filosofia a perder progressivamente uma parte significativa das disciplinas que a compunham, mas isso, para Leonardo, não a devia impedir de recorrer às disciplinas que já tinha acolhido sempre que fosse necessário tornar mais efectivos os seus ensinamentos. Mesmo com a autonomização dos saberes em novos corpos científicos autónomos, continuava a considerar a filosofia como "a única mãe fecunda de 'ilusões viáveis', daquelas que no fim, nós ignoramos se não serão a melhor e a mais autêntica realidade. Sem ela a própria poesia não teria motivos eternos de esperança, pois o homem precisa de acreditar nas própriasilusões" (*ib.*, p. 229). Para si o conteúdo ontológico da filosofia continua a prevalecer sobre o procedimento lógico. A especulação impõe-se à dedução e indução que procedem a partir da experiência. A filosofia fica mais próxima da poesia do que do conhecimento racional, porque seja qual for o domínio e o poder de desenvolvimento da razão, ela, para cumprir o seu papel, jamais poderá deixar de ter como meta e objectivo o ir mais além, constante desafio ao conhecimento racional para que não se fique pelos factos conhecidos que são apenas um degrau na ascensão infinita ao que ainda nos é desconhecido. Ir às coisas mesmas, especular sobre a origem e o limite da acção e do conhecimento é a tarefa mais nobre

da filosofia que nenhuma outra disciplina está em condições de realizar.

Aquando da sua primeira passagem pelo Ministério da Instrução Pública – entre 2 de Abril de 1919 e 28 de Junho do mesmo ano, menos de um trimestre –, mesmo que as verdadeiras reformas a apontar ao seu curto mandato se prendam com a organização dos ensinamentos primário e primário superior, deixou indicações para a reforma do ensino/programa de filosofia e transferiu a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para a Universidade do Porto, criando, assim, aquela que veio a ser conhecida como a primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, concebida, nas suas palavras e fazendo jus aos seus propósitos educativos mais profundos, como "uma escola de filosofia para onde a atracção da Beleza chamasse as almas incertas da gente moça do meu país" (vol. III, p. 48), a que acrescenta o ambiente de total liberdade daqueles que nela ensinam e aprendem.

A nível liceal, eis, então, as linhas do programa que traçou para a sexta e sétima classe:
VIª Classe

"A filosofia como ciência dos princípios ou das mais altas abstrações, fundo comum de todas as ciências"

A filosofia como doutrina sincrética donde evoluem as ciências particulares

A filosofia como doutrina das realidades inabordableis pelos métodos científicos

A filosofia disciplina de reassimilação unificadora dos dados científicos, artísticos, morais e práticos

Os desígnios da filosofia deveriam ser acompanhados pela Actividade científica composta pelas seguintes saberes

A Matemática, a Física, a Química; a Biologia; a Psicologia; a Sociologia; a Ideologia Social; a Actividade Estética; a Actividade Moral (cf. Vol III, p. 230)

Para a VIIª Classe propunha como conteúdo da disciplina de Filosofia, os seguintes tópicos:

Os problemas filosóficos; o problema do Conhecimento; o problema Metafísico; o problema Moral; História da Filosofia (cf. Vol III, pp. 233-234)

Como material a usar para o ensino da filosofia referia: a leitura na aula do último capítulo do en-

saio de Sampaio Bruno *A ideia de Deus*; um livro de iniciação filosófica: uma História da Filosofia (cf. *ib.*, p. 234), apontando, ainda, a necessidade dos liceus possuírem todos os livros que fossem considerados indispensáveis ao ensino/aprendizagem da filosofia nos moldes propostos.

Ora, como o ensino oficial tem nos professores os mediadores do conhecimento entre os objectivos traçados pelos programas e as verdadeiras necessidades e capacidades de aprendizagem dos alunos, Leonardo entende que no campo específico da Filosofia "O professor terá em vista levar o aluno à unificação *activa* dos seus conhecimentos, sugerir a curiosidade pelos problemas e fazer sentir a beleza e a dignidade do pensamento" (*ib.*, p. 230).

O professor deve sugerir e não impor, unificar e não dispersar, ser fonte e exemplo de conhecimento. Mas para que o ensino funcione a nível liceal, Leonardo acha que deve ser pensado a nível superior. A Universidade era para si o local do pensamento teórico que permite traçar o rumo à nação, competindo a esta nobre instituição, pensar os currículos de todos os níveis de ensino e formar os professores. Ao tempo a educação portuguesa e o ensino universitário eram tão desprezados que Leonardo, quando ocupava o cargo de ministro, em 1919, sugere, quanto às universidades públicas, que "o governo as ligasse com os esboços de universidades populares já existentes sem esta conjugação, possível é dar-se a circunstância de se intensificar em certos meios a cultura pública, com pleno esquecimento de populações desamparadas do auxílio dos beneméritos" (vol. IV, p. 470).

A Universidade tinha a obrigação de se assumir como a "consciência intelectual da nação", pela "educação directa e pela educação difusa. Directamente porque em seu seio vivem ou do seu seio saíram os valores espirituais da Pátria; indirectamente, porque dela todo o pessoal docente das escolas veio a receber em primeira ou segunda mão o seu ensino" (*ib.*: p. 145). Associado a este aspecto prático de formação dos altos quadros da nação e da exclusiva coordenação na preparação de todos os profissionais do ensino, a Universidade teria, ainda, que se dar a conhecer e mostrar a sua influência através dos meios de difusão da opinião mais massificados e populares: "do jornal, do livro, do café, do clube e da rua é luz tamisada de mil maneiras, mas que em última origem pertence à Universidade" (*ib.*). Basicamente, convinha que a

Universidade como parte integrante e fundamental da Unidade do Estado e do conhecimento, fosse capaz de dar a conhecer a todos os portugueses o trabalho que faz e a finalidade do mesmo. Os cidadãos, com mais ou menos estudos, com mais ou menos cultura, têm de compreender a razão de ser e a superior importância destas instituições, uma vez que elas, apesar de todos os progressos, são sempre de poucos e para poucos. Compete-lhes, por isso, instituírem-se como o principal veículo de agregação das partes dispersas do conhecimento que depois se plasmará em acção, criando, para tal, "a consciência intelectual da Nação e a sua riqueza espiritual e económica: pelas ciências alarga a sua compreensão da vida cósmica e indirectamente pela Técnica e Medicina cria a riqueza; pelas letras toma consciência em si da sua realidade histórica e psicológica, da sua essência espiritual e indirectamente cria a técnica da acção social. Uma Universidade tem, pois, por alma as Faculdades de Letras e Ciências, representando aquela como que a vontade consciente e esta a inteligência especulativa que fundidas darão a Acção ou Técnica: direito, medicina, engenharia, comércio, etc, etc." (*Obras*, vol. IV, p. 145).

Parece evidente que a Universidade, ao contrário por exemplo da Igreja, dos partidos, do exército e de outras instituições afins, era, nas suas finalidades e objectivos, completamente desconhecida pela maioria dos portugueses. Como instituição fechada e minoritária, que acolhia essencialmente os indivíduos das classes mais privilegiadas habilitando-os para uma carreira de chefia e mando onde tantas vezes se revelavam incompetentes e prepotentes, era olhada com desdém pela quase totalidade dos portugueses. Do alto da sua sapiência, parece que se sentia muito bem atrás da barreira que se tinha criado entre a corporação e o povo que a alimentava e que ela se propunha servir. Por diversas questões, o ensino e a educação não entusiasmavam as massas e dentro de todo o sistema educativo, a Universidade era, porventura, a estrutura da sociedade olhada com mais desconfiança e incompreensão. As lutas dos académicos passavam completamente ao lado das preocupações das populações, mesmo daquelas onde estas instituições tinham a sua sede. No entender de Leonardo, impunha-se corrigir a carga negativa que pairava sobre esta instituição de ensino e

investigação, pois como acrescenta em 1926, era essencial que a nação pudesse contar com uma Universidade que fosse "antes de mais nada, o saber teórico, seja: faculdade de ciências da natureza, faculdade de ciências do espírito e faculdade de filosofia o grupo teórico, ciências da natureza e do espírito, filosofia, daria a formação de todo o corpo dos professores de ensino superior teórico, secundário e primário superior ou *fundamental* por grupos de ciências, dos professores de belas-artes e dos professores das técnicas superiores por cadeiras ou grupos de cadeiras de modo algum dispensáveis a estes últimos professores como, por exemplo, psicologia, história das ciências, teoria da ciência, etc, etc" (*Obras*, vol. VI, pp. 174-175).

No pensamento desenvolvido pelo filósofo português, a Universidade, enquanto agregadora e difusora do conhecimento teórico, desempenha um alto valor na educação, uma vez que tem a seu cargo a formação dos professores de todas as áreas. Para si é evidente que se um professor apenas possuir uma educação parcelar no ramo do conhecimento que se propõe ensinar, por muito boa que seja, será sempre insuficiente. Poderá saber como ensinar e o que ensinar, mas não terá o conhecimento adequado que permita efectivamente aumentar o saber geral dos diversos alunos. Não sabetá estabelecer relações nem centrar as problemáticas que ensina num plano mais alargado do aparecimento e difusão do conhecimento. É certo que porventura tais falhas não impedirão os profissionais do ensino de desempenhar bem o seu papel. Os alunos, uma vez formados, poderão ser bons profissionais, mas faltar-lhes-á a base mínima da cultura nacional e humana que os possa ajudar a ser cidadãos mais esclarecidos e, em consequência, mais críticos e participativos.

Não nos esqueçamos que apesar da democratização do ensino oficial e do seu alargamento a cada vez mais cidadãos, a frequência universitária, continua a ser reservada a uma pequena percentagem de indivíduos. Porque assim é, convém que os níveis de ensino básico, secundário e técnico, nas mais diversas áreas, garantam não só uma boa formação profissional, mas também uma sólida formação humanística e cultural e isso só será possível se os seus agentes a tiverem adquirido ao longo do processo educativo a que são submetidos. O ambiente adequado a essa aprendizagem o mais completa possível é a Universidade.